



---

**PODER E RESISTÊNCIA NA LITERATURA AFROFEMININA DE  
PAULINA CHIZIANE E CRISTIANE SOBRAL: AS INSUBMISSAS  
PRINCESAS VUYAZI E NKALA**

\*\*\*

**POWER AND RESISTANCE IN FEMININE AFRO LITERATURE  
OF PAULINA CHIZIANE AND CRISTIANE SOBRAL: THE  
INSUBMISSIVE PRINCESSES VUYAZI AND NKALA**

Dênis Moura de Quadros<sup>1</sup>

Recebimento do texto: 03/04/2017

Data do aceite: 10/05/2017

**RESUMO:** O processo de desafricanização, iniciado pelo tráfico de escravos africanos, não teve seu fim com a assinatura da Lei Áurea em 1888. Ele ainda insiste em subalternizar as identidades negras e, sobretudo, a identidade feminina negra ao delegar a esses sujeitos a falta de oportunidade e os espaços interditos, bem como a necessidade imposta de atingir um padrão de beleza impossível. Contudo, escritoras negras como Paulina Chiziane e Cristiane Sobral, têm lutado para a ruptura desse estereótipo e pela formação de uma identidade negra que pauta-se na beleza afrofeminina e, logo, na história e cultura desses sujeitos que foram, com a desafricanização, silenciadas e apagadas. Partindo desse empoderamento feminino negro, segundo Santiago (2012), analisaremos duas personagens advindas de *Niketche* (2004) da moçambicana Paulina Chiziane e *Tapete voador* (2016) da brasileira Cristiane Sobral, percebendo como as insubmissas princesas Vuyazi, da mitologia moçambicana, e Nkala representam o poder e a resistência dessas mulheres.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura afrofeminina; Identidade afrofeminina; Resistência; Mitologia moçambicana; Desafricanização.

**ABSTRACT:** The process of destabilization, initiated by the slave trade in Africa, did not end with the signing of the Golden Law in 1888. He also insists on subalternizing black identities and, above all, black feminine identity by delegating to these subjects lack of opportunity and the forbidden spaces, as well as the imposed need to reach an impossible beauty standard. However, black women writers such as Paulina Chiziane and Cristiane Sobral have fought for the rupture of this stereotype and for the formation of a black identity that is based on the feminine afro beauty and, soon, in the history and culture of those subjects that were, with the destabilization, silenced and erased. According to Santiago (2012), we will analyze two characters from *Niketche* (2004) by Mozambican Paulina Chiziane and *The Flying Carpet* (2016) by Brazilian Cristiane Sobral, realizing how the insubmissive Vuyazi princesses of Mozambican mythology and Nkala represent the power and resistance of these women.

**KEYWORDS:** Feminine afro literature; Feminine afro identity; Resistance; Mozambican mythology; Deaffricanisation.

---

<sup>1</sup> Mestrando em História da Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande-FURG, sob orientação do prof. Dr. Antônio Carlos Mousquer. E-mail: denis-dp10@hotmail.com





Os países que foram colonizados por Portugal passaram por um processo de apagamento das suas identidades culturais e pela assimilação da cultura portuguesa, judaico-cristã, com seus mitos e seus valores culturais. Ao chegarem a terras longínquas, a raspagem dos cabelos e o batismo, que obrigava a adoção de um nome cristão português, fazia com que esses sujeitos apagassem sua cultura e adotassem, pela força e pelo medo, a posição de subalternidade necessária à escravidão. Esse processo, conhecido historicamente como desfrancização, não acabou em 13 de maio de 1888, quando foi assinada a Lei Áurea pela princesa Isabel, momento em que os escravos foram jogados ao léu, deixados para morrer. Desprovidos de qualquer condição ou espaço na sociedade, a escravidão arrastou-se até os dias atuais, em que, ainda, os subempregos são preenchidos por esses sujeitos e, segundo o diário de Carolina Maria de Jesus (1993), renova-se através do signo da fome.

Dentro desse espaço de tensão, as mulheres negras têm sua identidade formada na vergonha dos cabelos crespos, da cor de sua pele e de seus traços africanos. Na tentativa de atingir o padrão de beleza europeu, as mulheres negras apostam, principalmente, no alisamento de seus cabelos. Destacamos que não se trata de não alisar os cabelos, mas do fato de se sentirem belas apenas com os cabelos alisados. Logo, ao assumirem a negritude, segundo Bernd (1984), e descobrirem as histórias silenciadas de seus ancestrais negros, perdidas na diáspora africana, assim como as *Heroínas negras*, título da obra de Jarid Arraes, publicada em 2017, o primeiro passo é assumir os cachos e os cabelos crespos. O empoderamento feminino negro parte dos cabelos, mas pauta-se na formação da identidade dessas mulheres que se (re) descobrem belas e descendentes de um povo portador de uma cultura complexa e heroica, saindo, dessa forma, do espaço subalterno delegado. As





mulheres negras ocupam um espaço que Spivak (2010) define como subalterno. Essas subalternas não podem falar e, quando falam, suas vozes não são ouvidas. Há sempre a necessidade de se fazerem escutar e, para tanto, elencamos a literatura afrofeminina para percebermos esses processos.

Dentro da literatura, principalmente a brasileira, as personagens femininas negras orbitam em dois estereótipos opostos e subalternos: negras pobres e trabalhadoras e o desejado corpo da mulata. A primeira representação pode ser percebida na autorrepresentação feita por Carolina Maria de Jesus, em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1993), publicado em 1960, e em outras obras em que a mulher negra desempenha o papel de empregada doméstica ou outro subemprego. O segundo, advindo do corpo sensualizado e erotizado da mulata, pode ser percebido, dentre outras obras, no canônico *O cortiço* (1890), de Aluísio de Azevedo, com as descrições da personagem Rita Baiana. Esses dois estereótipos reforçam o espaço delegado às mulheres e sua representação negativa na literatura.

Ao (re) apresentar uma diferença negativa da mulher negra, a literatura reproduz simbolicamente, estereótipos que a subjugam, através de qualitativos carregados de imagens de um passado de escravização, exploração, sensualidade, libido e virilidade exacerbada, negando-lhe aspectos positivos, que promovem uma construção afirmativa de suas identidades. (SANTIAGO, 2012, p.99)

A literatura, ainda hegemonicamente masculina e branca, apresenta essas mulheres ainda de forma negativa. Contudo, a autorrepresentação advinda da literatura afrofeminina vêm, de forma constante, rompendo com esses estereótipos e contribuindo para a construção de uma identidade feminina insubmissa e resistente. Das escritoras que contribuem para a formação dessa identidade podemos citar uma lista que aumenta a cada dia, na qual Paulina Chiziane, a primeira mulher a publicar um livro em Moçambique, *Palavras de amor ao vento* (1990), e Cristiane Sobral





representam duas autoras negras militantes engajadas na (re) construção e empoderamento das mulheres negras.

Não podemos esquecer que a luta das precursoras da literatura afrofeminina brasileira permitiram a sobrevivência dessa literatura e, portanto, seus nomes não devem ser esquecidos: Maria Firmina dos Reis (1825-1917), Carolina Maria de Jesus (1914-1977), Maria Helena Vargas da Silveira (1940-2009) no Rio Grande do Sul, Mãe Beata de Yemanjá (1931-2017), Conceição Evaristo (1946- ) e outros expoentes dessa literatura, como as autoras aqui analisadas, que cresce a cada dia com novas publicações advindas das margens, como as poetas Mel Duarte (1988- ), Luz Ribeiro (1988- ), Roberta Estrela D’Alva (1978- ) e outras Dandaras que resistem.

[...] a literatura afrofeminina é uma produção de autoria de mulheres negras que se constitui por temas femininos e de feminismo negro comprometidos com estratégias políticas civilizatórias e de alteridades, circunscrevendo narrações de negritudes femininas/feminismos por elementos e segmentos de memórias ancestrais, de tradições e culturas [...] do passado histórico e de experiências vividas, positiva e negativamente, como mulheres negras. (SANTIAGO, 2012, p.155)

Esse conceito de literatura **afrofeminina**, postulado por Santiago (2012), dialoga com a **escrevivência**, termo cunhado por Conceição Evaristo e analisado por Machado (2014), para designar sua obra e a obra de outras mulheres negras. O que há de semelhante entre os dois conceitos aqui apresentados é a autorrepresentação das mulheres em suas obras e temáticas. Ao notar que a representação das personagens femininas orbita entre os dois estereótipos negativos, apresentados anteriormente, e que, logo, não representam esses sujeitos, as autoras vão romper, através da literatura, com essa visão um tanto machista e eurocêntrica, apresentando, ou melhor, se autorrepresentando nas personagens e resgatando a ancestralidade afrodiáspórica.





Apesar da importância de ruptura e (re) afirmação de um passado histórico ancestral, as faltas de oportunidade e as dificuldades de publicação são pontos a serem pensados. Não é com facilidade que essas mulheres conseguem se fazerem ouvir e serem lidas. Paulina Chiziane, por exemplo, é a primeira moçambicana a publicar um romance em 1990. Para isso teve que ser persistente, indo contra sua tribo e sua família que insistiam que era perda de tempo escrever. No Brasil, Maria Firmina dos Reis foi totalmente esquecida, sendo seu romance *Úrsula*, resgatado em 1962 em um sebo no Rio de Janeiro. Carolina Maria de Jesus é publicada pela influência, questionável, de Audálio Dantas. Cristiane Sobral e Conceição Evaristo começam publicando em *Cadernos negros* para depois publicarem de forma independente, o que suscita a necessidade de, também, vender e distribuir suas obras. Esse fato demonstra como as oportunidades de publicação, difíceis no Brasil, são ainda menores quando se tratam de escritoras mulheres negras. Contudo, necessitamos abrir espaço em alguns lugares e a Academia tem cedido, mesmo que pequeníssimo, espaço para pensarmos esses sujeitos e essas obras resgatadas e recém-publicadas.

Paulina Chiziane nasceu e se criou nos subúrbios de Maputo (Moçambique). Quando jovem lutou junto a FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) e, como já dito, publicou seu primeiro romance em 1990. Em 2003, a obra *Niketche*, aqui analisada, ganhou o prêmio José Craveirinha de Literatura, sendo a primeira mulher a vencê-lo. Chiziane é a precursora da literatura afrofeminina em Moçambique e, segundo a autora, sua escrita nasce de sua vivência e de seus questionamentos. Dotada de uma sensibilidade ímpar, Chiziane vai apresentar nas páginas de seu livro o espaço a que pertence, contudo, questionando temas universais.

Quando uma grande desgraça recai na comunidade sob a forma de seca, epidemias, guerra, as mulheres são severamente punidas





---

e consideradas as maiores infratoras dos princípios religiosos da tribo pelas seguintes razões: são os ventres delas que geram feiticeiros, as prostitutas, os assassinos e os violadores da norma. (CHIZIANE, 2013, p.199)

As mulheres, como podemos perceber, são culpadas pela prole que romperá com padrões, ao mesmo tempo em que são culpadas por não tê-la. Essa relação, que legitima o espaço destinado às mulheres dentro da sociedade (o espaço privado do lar), é reatualizada e mantida pelas próprias mulheres, mães que são responsabilizadas pelos atos de seus filhos e filhas. Esse lugar de subalternidade, delegado a elas, é rompido em *Niketche* (2004) e comparado ao ato da princesa insubmissa da mitologia moçambicana, a Vuyazi.

A coragem de Rami, ao romper com as regras vigentes do patriarcado, assemelha-se à coragem da autora ao escrever. Em seu relato, Chiziane afirma que dentro de sua tribo étnica, o artista é visto como o marginal. Dessa forma, assumir essa marginalidade de um espaço delegado, também marginal, é um ato de coragem. Além disso, Chiziane vai traçando o panorama onde escreveu os seus romances: em meio à incessante troca de tiros.

A escritora não aceita que seus romances sejam classificados e encerrados no rótulo de feminista, contudo, a contribuição de Chiziane e, em especial em *Niketche*, é muito expressiva. As reflexões que a personagem Rami vai tecendo sobre o papel da mulher moçambicana, e de forma genérica, são importantes no sentido que esse conhecimento vai ser o fio condutor para a ruptura dessa subalternidade. Chiziane reflete sobre as lembranças de sua mãe e de outras mães da comunidade em que cresceu cantando tristes cantigas à beira dos rios. Percebemos como esse contato com essas mulheres está representado na obra aqui analisada. Contudo, a autora também questiona maneiras possíveis de reação e resistência. Essa resistência virá da união





dessas mulheres e da independência financeira de cada uma. A partir do momento que cada mulher mantém seu sustento e de seus filhos, elas se dão conta do poder que têm em mãos. A insubmissão a Tony, deixado de lado, será o ponto definitivo de poder e insubmissão e é partindo desse ponto que todas tornam-se Vuyazis.

A Rami apresentada por Chiziane é também uma Vuyazi insatisfeita com os rumos que sua vida tomou, em função de viver em uma sociedade, que lhe dita valores comportamentais. [...] As outras mulheres do marido polígamo também são Vuyazis, vítimas da subordinação imposta pela poligamia não-legalizada, que encontra legitimidade dentro de um universo fundamentado na autoridade masculina, neste caso, com características próprias das sociedades africanas. (COSTA, 2007, p.114)

*Niketche* (2004) conta a história de Rami, Rosa Maria, casada com Tony (António Tomás), chefe de polícia. Rami é dependente de Tony que, além de Rami, possui outros quatro relacionamentos: Julieta, Luísa, Sally e Mauá Sualé. Vamos conhecendo Rami aos poucos, através da descrição e reflexão dos lugares de Moçambique e das tradições pungentes, onde há uma diferença entre o Norte e o Sul. Assim, ao lado de Rami, narradora-personagem, conhecemos as mulheres do polígamo Tony, que constituem uma gama de heterogeneidade.

É interessante pensarmos que o romance de Paulina Chiziane parte de sua vivência como moçambicana e de suas experiências culturais, falando de um espaço de embate entre duas culturas: uma hegemônica trazida pelos colonizadores e uma cultura local que nutre diferenciações entre um Norte ritualizado eroticamente e um Sul totalmente habitado por mulheres submissas. Desse embate, Vuyazi vai aliar-se ao mito feminino negativo de Eva e sua punição.

A princesa Vuyazi rebela-se contra o sistema patriarcal vigente onde não aceita a submissão ao marido. Além disso, ela exige que suas filhas sejam





amamentadas pelo mesmo tempo de amamentação dos filhos homens. Por essa insistente insubmissão seu pai e seu marido a punem de modo a viver eternamente na lua, e as mulheres, tal como ocorre pelo pecado original, irão sangrar e sentir dores todos os meses. Essa face da lua que reflete Vuyazi e que serve, dentre outras coisas, para legitimar o espaço delegado e os espaços restritos às mulheres, servirá para o seu oposto: a independência feminina.

- Somos éguas perdidas galopando a vida, recebendo migalhas, suportando interpéries, guerreando-nos umas às outras. O tempo passa, e um dia todas seremos esquecidas. Cada uma de nós é um ramo solto, uma folha morta, ao sabor do vento - explico.- Somos cinco. Unamo-nos num feixe e formemos uma mão. Cada uma de nós será um dedo, e as grandes linhas da mão a vida, o coração, a sorte, o destino e o amor. Não estaremos tão desprotegidas e poderemos segurar o leme da vida e traçar o destino. (CHIZIANE, 2004, p.105)

Ao terem seus próprios negócios ou “um teto todo céu” (WOOLF, 2014), essas rivais começarão a despedir-se desse relacionamento não mais necessário. A culpabilidade que havia entre elas é substituída pela camaradagem. A partir de então, cada esposa de Tony irá abandonar o pentágono amoroso, ferindo o orgulho viril de Tony e tornando-se insubmissas, tal como Vuyazi.

Cristiane Sobral Correa Jesus é carioca, moradora de Brasília desde 1990, Mestre em Arte pela UnB (Universidade Federal de Brasília) com a defesa da dissertação “Teatros negros e suas estéticas na cena teatral brasileira”, além de ser coordenadora intermediária de Direitos Humanos e Cidadania e Diversidade na Regional de Ensino do Núcleo Bandeirante - DF, atriz, diretora e escritora tendo publicado, primeiramente, nos *Cadernos negros* e, posteriormente, de forma independente, seus livros *Não vou mais lavar os pratos* (2010), *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz* (2014) e *Tapete Voador* (2016), publicado pela editora Malê.







*Tapete voador* (2016) apresenta dezenove contos que mesclam o racismo, advindo do branco e do próprio negro, e o feminismo negro, entre outros temas evocando a revolução e a negritude necessárias. O conto, que dá título ao livro, apresenta uma jovem promissora que assumiu, em seus cabelos, a sua identidade negra. Um chefe, também negro, que para ser aceito sacrifica sua negritude, aconselha a jovem de também fazê-la. O conto escolhido para ser analisado é *Nkala: um relato de bravura* que traz uma princesa do Reino do Congo, filha única do Rei Lukem Lu-Nimi.

Assim como o relato de Maria Firmina dos Reis, no romance precursor *Úrsula* (1859), e, dentre outros, o de Ana Maria Gonçalves, *Um defeito de cor* (2006), Cristiane Sobral apresentará, de forma poética e tocante, o começo de todo processo de desafricanização: a crueldade dos navios negreiros. Retirada à força de sua tribo e de sua terra, tendo seus pais mortos, a dor cruciante de Nkala, e de tantas outras e outros, ressoa para se fazer ouvida.

O navio-prisão arrastou-se pelo Atlântico. Nkala, assim como tantos outros, foi atirada no porão, onde sentiu a dor da separação da família amada, viu amigos morrendo na travessia, outros atirados ao mar. A fome e as correntes paralisavam, mas por ali não viu nem sobra de submissão. Houve rebelião naquele porão infecto, onde não jorrou apenas sangue negro. (SOBRAL, 2016, p.31)

É interessante notarmos a ruptura entre a história “dos vencedores” que aprendemos na escola e essa outra versão acerca da submissão dos negros que, na verdade, iniciou-se com a imposição da língua e no batismo que insistia em apagar suas lembranças e sua cultura para que, o mais rápido possível, aceitassem sua subalternidade. Outro ponto é a sina que os negros herdaram de seus ancestrais escravizados, assim como a força e a determinação, a fome, a nova escravidão, que, segundo Carolina Maria de Jesus, em seu *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1993), é uma





herança que os descendentes de povos escravizados carregam consigo. A fome, que desde a escravidão é uma constante na vida dos descendentes de povos africanos, insiste em retornar, visto que com a assinatura da Lei Áurea em 1888, como já afirmamos, os negros foram deixados para morrer. Desprovidos de oportunidades, alguns retornaram para a subalternidade nas fazendas, nas novas Casas Grandes e, até hoje, o local delegado a esses sujeitos é o dos subempregos com salários irrisórios e com os direitos cada vez mais destituídos.

Outro ponto interessante dessa passagem do conto é que, de forma sutil, a autora evoca as horrendas cenas do tratamento desumano no porão dos navios que tinham “O cheiro de dor e morte” (p.31). Neste espaço, a doença que chegava para alguns era facilmente espalhada entre os escravos que, ao morrerem, eram jogados ao mar, tendo suas correntes cortadas junto de outros escravos vivos. Esse fato demonstra, e acentua ainda mais, a desumanidade da escravidão apoiada pela Igreja e que, em alguns pontos, ainda associa a cultura e a religiosidade de matriz africana como algo do diabo.

A princesa Nkala tinha a certeza de que não nascera para ser propriedade de ninguém. Nascida livre e com o destinado traçado para governar seu povo, de forma justa e soberana, não se deixou abater. Ao desembarcar do navio, a coragem e o medo travaram um embate no interior da princesa, ao ver seu povo sendo tratado como coisa, de forma cruel e extremamente fria. Ao aproximar-se de um dos homens responsáveis pela seleção e venda dos escravos recém-aportados, homem que “Tinha o sorriso sarcástico dos quase mortos, ou daqueles que nunca estiveram vivos” (p.33), a princesa começa, de forma insubmissa e resistente, a dançar. O homem acha engraçado, mas a manda parar

“Nkala, desafiadora, com ares de sonho, continuou a dançar, a cantar e a bater os pés no chão [...] Muitas chibatadas foram





---

desferidas no corpo em movimento de Nkala, ela parecia estar em transe, dançando, dançando...” (ibidem, p.34).

Os outros escravos, inspirados pelo ato insubmisso da princesa, começaram a cantar e gritar acompanhando a dança de Nkala, ao ponto que foram repreendidos e cruelmente mortos pelos seus algozes. A princesa insubmissa continuou dançando, cantando, com um sorriso no rosto desfigurado. A resistência dessa princesa pode ser percebida em cada mulher negra que reconhece sua força e sua história e, como Nkala, são brutalmente silenciadas, apagadas e subalternizadas, termo amplamente utilizado aqui como uma marca imposta a elas e não como um destino inexorável. Nkala marca a necessidade de conhecermos as princesas africanas, suas histórias e estórias, marcando a necessidade insubmissa de aceitarmos como padrão as princesas brancas e belas que contam as histórias que todos conhecem.

No ato de Nkala, Cristiane Sobral também, de forma insubmissa e resistente, publica sua literatura ímpar e começa a ganhar ainda mais espaço nesse mercado hegemonicamente masculino e branco. *Tapete voador* é o primeiro livro de contos de Sobral e, também, o primeiro publicado em parceria com a editora Malê. Junto à Cristiane Sobral, outras princesas escritoras somam forças para a ruptura, ainda parcial, da representação feminina negra na literatura e, em especial, a brasileira. Assim como Nkala, elas não estão sós.

Nkala não estava só quando as chibatadas insanas rasgaram sua pele até os órgãos e ossos, repetidamente, repetidamente, dilacerando definitivamente o seu corpo físico. Liberta da matéria, foi acolhida pelos seus ancestrais rumo a Aruanda, o paraíso da liberdade perdida. (SOBRAL, 2016, p.35)

Os ancestrais não mentiram para a princesa do Congo. Ela não nascera para ser propriedade de ninguém; nascera livre e com o destino traçado para liderar soberana. Nkala representa a força dos ancestrais do povo





africano, a insubmissa força que planta e rega com sangue a semente da liberdade inaudível. É a quebra das correntes e o empoderamento feminino que (re) forma a identidade e a autoestima de cada mulher negra que, inserida em uma sociedade racista e machista, tem negado seu passado glorioso e levada a acreditar que é e sempre será subalterna.

Nkala também é uma Vuyazi, uma mulher insubmissa que resiste a duras penas ao machismo, ao racismo e outros “ismos” presentes na sociedade e no mundo em que está inserida. Ambas nos indicam que é preciso lutar e sabem que sua luta incomoda muita gente e que não é nada fácil, mas é preciso e é recompensador. O poder e a resistência que estão dentro de cada mulher, e de cada mulher negra, tem suas raízes nos ancestrais que foram brutalmente silenciados, mas que ecoam.

### Considerações finais

Falar de literatura afrofeminina não é uma forma de excluir essas escritoras e rotulá-las como outro tipo de literatura às margens do cânone. Ao contrário, é uma forma de questionar a hegemonia do cânone e refletir sobre o silenciamento dessas autoras que pouco conhecemos. Se ao nos questionarmos acerca dos escritores negros lidos e conhecidos temos uma pequeníssima lista, ao falarmos de mulheres negras a lista é ainda menor, ainda mais sucinta. Logo, esse fato, dentre outras pesquisas, demonstra a necessidade de lermos e trabalharmos com essas escritoras esquecidas, silenciadas, desprovidas do *status* de autoras, como Carolina Maria de Jesus que é tida como memorialista e sua obra como documental.

Esse empoderamento feminino, advindo dessas duas princesas insubmissas, subverte as regras da sociedade a que pertencem esses sujeitos, bem como a cultura hegemônica vigente: a judaico-cristã. Dessa forma, a figura de Maria Mater, submissa ao marido e aos desígnios divinos, é





substituída pelo mito feminino de Lilith, da cultura judaico-cristã. Vuyazi e sua insubmissão são as responsáveis por tudo que é monstruoso e negativo no mundo.

Quando a lua cresce e incha, há uma mulher que se vê no meio da lua, de trouxa à cabeça e bebé nas costas. É Vuyazi, a princesa insubmissa estampada na lua. É a Vuyazi, estátua de sal, petrificada no alto dos céus, num inferno de gelo. É por isso que as mulheres do mundo inteiro, uma vez por mês apodrecem o corpo em chagas e ficam impuras, choram lágrimas de sangue, castigadas pela insubmissão de Vuyazi. (CHIZIANE, 2004, p.157)

É interessante notarmos que as duas princesas são punidas em seus atos de insubmissão: Vuyazi é presa na lua e Nkala é morta brutalmente. Contudo, ambas trazem a reflexão de lutar e de resistir. A princesa Vuyazi é um mito criado para amedrontar, tal qual Eva (Lilith), e punir as mulheres insubmissas. A princesa Nkala nasce para demonstrar que as mulheres negras insubmissas não estão sós. Ambas irão questionar o espaço e o papel delegado às mulheres dentro da sociedade trazendo em suas histórias a vontade e a necessidade de mudarem, de se rebelarem.

Relendo o mito de Vuyazi pela ótica da princesa Nkala, a lua não é sua prisão, mas, no máximo, seu esconderijo, de onde olha todas as mulheres insubmissas e as lembra todos os meses da necessidade de lutarem, de resistirem, de terem poder. As princesas, em meio a toda força contrária, que as faziam dobrarem os joelhos, não o fizeram. Rebelaram-se e apenas dessa forma são marcadas: Vuyazi com sua prisão na lua e Nkala com as chibatadas do feitor. Mas, ambas permeiam as páginas das obras aqui apresentadas, da literatura afrofeminina, e nos lembram que pela revolução se paga um preço.

Todas as mulheres nascem livres, poderosas, dotadas de uma força interior advinda dos ancestrais, mas, com o tempo vão sendo brutalmente moldadas pelas pancadas de um algoz diluído na sociedade. Quando falamos





de mulheres negras, os algozes são ainda mais cruéis e insistem em afirmar que sua pele, seu cabelo e seus traços são feios. No momento em que as mulheres tomam consciência das princesas Vuyazi e Nkala presentes em cada uma delas, o mundo treme e a lua estremece com o poder e a resistência. São desses e outros momentos que se alimenta a literatura afrofeminina, em especial, das escritoras Paulina Chiziane e Cristiane Sobral.

### Referências

- BERND, Zilá. **O que é Negritude**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CHIZIANE, Paulina. **Niketche: Uma história de poligamia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- \_\_\_\_\_. Eu, mulher... por uma nova visão do mundo. **Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da Universidade Federal Fluminense**. V.5, n.10, abr. 2013. P. 199-205.
- COSTA, Renata Jesus da. **Subjetividades femininas: mulheres negras sob o olhar de Carolina Maria de Jesus, Maria Conceição Evaristo e Paulina Chiziane**. 2007, 161f. Dissertação (Mestrado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.
- GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: Diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 1993.
- MACHADO, Bárbara Araújo. “Escre (vivência)”: a trajetória de Conceição Evaristo. **História oral**. v.17, n.1, p.243-265, jan-jun. 2014.
- REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. 1ª edição 1859. Florianópolis: Editoras Mulheres, 2009.
- SANTIAGO, Ana Rita. **Vozes literárias de escritoras negras**. Cruz das Almas: EDUFRB, 2012.
- SOBRAL, Cristiane. **O tapete voador**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.





---

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goullart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

WOOLF, Virgínia. **Um Teto Todo Seu.** Trad. Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

